Ambientado no Brasil, especialmente no Rio de Janeiro, Salvador, São Luís do Maranhão e outras localidades ao norte e nordeste do país, *Explosão* é resultado de três passagens de Fichte pelas terras brasileiras: a primeira viagem, em 1969, uma longa estadia entre os anos de 1971 e 1972, e um retorno em 1980. Jäcki e Irma (projeções autoficcionais do próprio Fichte e de sua companheira, a fotógrafa Leonore Mau) descobrem o universo das religiões afrobrasileiras sincréticas, conhecem pais e mães de santo, mergulham na rica cosmologia do candomblé e da umbanda e participam de rituais diversos. Em meio a essas perscrutações etnoreligiosas, Jäcki também narra suas vivências e encontros sexuais com homens e suas perambulações por zonas de prostituição homossexual, em descrições vívidas e pungentes, bem como as perseguições policiais e violências cometidas contra *gays* e travestis no Brasil da ditadura militar.

Fichte não deixa de incluir em seu longo relato autoficcional e metaliterário diversos recortes de notícias de jornal que pontuam a situação política e social do Brasil na ditadura e nos primeiros anos da redemocratização, repletas das profundas desigualdades que assolam o país. Entre carnavais, prostíbulos, oferendas aos orixás, índices de violência e desemprego, entrevistas com Pierre Verger e Salvador Allende, a etnografia subjetiva de *Explosão* é um compêndio incômodo, visceral e lírico. Um retrato lúcido, original e fascinante de um escritor narrador de si mesmo em busca da experimentação narrativa do vivido.

*Explosão* é o sétimo volume do inconcluso e audacioso projeto etnoliterário intitulado *A História da Sensibilidade*, concebido por Hubert Fichte como prosa autobiográfica experimental. Originalmente planejado como ciclo de 19 volumes reunindo romances, entrevistas, ensaios, artigos, críticas literárias e tratados etnográficos, frutos de vivências apanhadas em viagem, o projeto permaneceu inacabado em razão da morte prematura do autor, em 1986.

Valendo-se de métodos de pesquisa antropológicos (como a postura do observador participante) e de recursos linguísticos ímpares que recusam a narrativa tradicional e a objetividade científica da antropologia, a obra de Fichte contempla temas como a própria implicação ideológica do conhecimento antropológico, as relações entre a literatura e as ciências sociais, o primeiro e o terceiro mundos, a vivência homossexual e principalmente as religiões africanas, assunto de grande interesse do autor. Apaixonado pelas culturas africanas e afrodiaspóricas, Fichte viaja o que Paul Gilroy chama de Atlântico Negro, percebendo a impossibilidade de superação dos limites da colonialidade.